

SOUSA,
Gabriela Lúcio de

FARIA,
Anna Gabriela Pereira

MARIA AUGUSTA RUI BARBOSA: MULHERES E SEUS CONTEXTOS POLÍTICOS

Gabriela Lúcio de Sousa¹
Anna Gabriela Pereira Faria²

RESUMO

O artigo abordará a vida de Maria Augusta Rui Barbosa, evidenciando alguns pontos de sua história pouco conhecida e revelando sua importância e influência na vida política e pessoal de Rui Barbosa. Outras quatro mulheres que foram significativas no âmbito político, principalmente por estarem inseridas nesse meio, graças aos seus maridos, serão abordadas; não apenas como esposas, mas também como pessoas de relevância e singularidades, são elas: Marisa Letícia Lula da Silva, Darcy Vargas, Sarah Kubitschek e Ruth Cardoso. Em períodos diferentes, elas se fizeram presentes, embora muitas vezes sejam pouco lembradas. A partir desse esquecimento, pretende-se investigar as mulheres que não estiveram à frente de feitos políticos, mas que devem ser estudadas.

PALAVRAS-CHAVE

Maria Augusta Viana Bandeira; Darcy Vargas; Sarah Kubitschek; Ruth Cardoso; Marisa Letícia Lula da Silva.

1. INTRODUÇÃO

Maria Augusta Rui Barbosa foi figura marcante na conjuntura e na criação da Casa de Rui Barbosa, que recebeu o nome de Villa Maria Augusta, homenagem feita por seu marido, Rui Barbosa. Mesmo com sua acentuada importância, pouco foi estudado sobre a anfitriã dessa casa, sendo a mesma inviabilizada até hoje. Tal questão é notada dada a falta de material sobre Maria Augusta, tanto escrito por ela quanto

1 Mestranda em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília. Bacharela em Conservação e Restauração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi bolsista PIBIC/FCRB com o projeto “Os quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa, conservação e acesso ao público”

2 Mestre em Museologia e Patrimônio pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/MAST). Possui graduação em Museologia pela UNIRIO. Atualmente é Museóloga/Tecnologista da Fundação Casa de Rui Barbosa/MinC, sendo responsável pela área de Documentação do Museu Casa de Rui Barbosa. Contato: gabriela@rb.gov.br

pela pouca quantidade de relatos sobre essa mulher, apontada como “*grande dama brasileira*” (Casa de Rui Barbosa, 1940, p. 18), a “*grande mulher de um grande homem*” (Casa de Rui Barbosa, 1940, p. 14) e “*uma mulher forte que através dos anos foi apaziguadora do gênio difícil do marido e administradora tranquila do lar harmonioso*” (REIS, 2011, p. 45).

Esses engrandecimentos e diversas outras referências – ainda que em entrevistas e relatos extraoficiais – à Maria Augusta Rui Barbosa justificam o entendimento desta como uma figura a ser estudada e reconhecida naquela sociedade de fins de século XIX e início de XX. São esses, relatos de familiares, amigos e conhecidos, além de matérias de jornais e outras fontes que comentem sobre a personagem.

Outras quatro mulheres, com situações políticas semelhantes e histórias de vida bem diferentes, serão brevemente comentadas e analisadas: Marisa Letícia Lula da Silva, Darcy Vargas, Sarah Kubitschek e Ruth Cardoso. O objetivo não é destrinchar a vida dessas mulheres, mas sim usá-las como exemplo e compará-las à Maria Augusta.

2. MARIA AUGUSTA VIANA BANDEIRA

Maria Augusta Rui Barbosa nasceu Maria Augusta Viana Bandeira. Era filha de Alfredo Ferreira Bandeira e Maria Luísa Viana, assim como esposa do advogado e senador Rui Barbosa. Maria Augusta e Rui foram casados por 46 anos e tiveram cinco filhos: Maria Adélia Rui Barbosa (Dedélia), Alfredo Rui Barbosa, Francisca Rui Barbosa, João Rui Barbosa e Maria Luísa Vitória Barbosa (Baby). Faleceu aos 93, vivendo mais de vinte anos sem a presença de seu marido. Inclusive, Baby, filha do casal, relata a paixão arrebatadora de seu pai por sua mãe, afirmando que ele não conseguiria viver sem a presença da esposa, mas Maria Augusta encontraria forças para continuar sem Rui Barbosa:

Nunca vi paixão assim na minha vida. Se ela falecesse primeiro, acho que ele não resistiria. Não que ela gostasse menos dele do que ele dela, mas é que papai tinha um temperamento assim muito afetivo; mamãe também, mas ele tinha uma paixão louca por ela. (MAGALHÃES, 2013, p. 73)².

É conhecido e já tem sido devidamente louvado o papel que desempenhou a esposa na vida de Rui Barbosa. Tanto que as filhas gostam de falar nisso, é natural. D. Maria Adélia, à minha esquerda, cita-me a propósito um comentário do médico da família, o Conde Pais Leme que dizia: ‘O conselheiro não poderá viver sem d. Maria Augusta. Perdendo-a, ele logo morrerá. Ao contrário, D. Maria Augusta sobreviverá ao marido por muitos anos’. (BARBOSA, 1968, p. 31).

Maria Augusta, antes do casamento, não possuía fundos financeiros. Seu pai era um funcionário público, porém, sua família figurava na aristocracia baiana. A origem

2 Depoimento de Maria Luísa Vitória Rui Barbosa (Baby), na época usando o nome de casada (Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra) em 10 de abril de 1975 para o projeto “Memória de Rui”, no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

importante de Maria Augusta foi fundamental para o desenvolvimento social de Rui Barbosa:

Sem sua educação aristocrática e sua reconhecida performance como senhora e anfitriã de "alta sociedade", Rui não teria podido sustentar um salão e mesmo uma vida mundana respeitável para as rígidas exigências de seus círculos. Cumpre aqui lembrar que "Cota" (como a chamava intimamente) desde jovem era reconhecida na Bahia por sua elegância, mantida a despeito da notória decadência econômica de sua antiga e aristocrática família, os Viana Bandeira. (GONÇALVES, 1999, p. 43).

Era considerada uma mulher bela, atraente, de porte esguio, mais alta que Rui Barbosa e com ares de grande dama (MAGALHÃES, 2013, p. 71). Seus atributos físicos são citados em diversas publicações, porém, de sua personalidade, pouco é comentado.

Cosia os seus vestidos; era bem recebida nos salões elegantes de Salvador; sobretudo era muito chique. [Ela e sua irmã Adelaide] formavam um par alegre, e onde estivessem era certo não ficar ninguém triste. Tocavam, cantavam, organizavam jogos de prendas, promoviam diversões adequadas aos salões e em roda delas logo se formava um círculo de admiradores. (MAGALHÃES, 2013, p. 71).

De acordo com Viana Filho, Maria Augusta era uma mulher altiva, independente e disposta. Pode-se comprovar essa atitude em Maria Augusta na escolha de seu marido. Salustiano Ferreira Souto, médico e amigo da família, "*foi quem apresentou Rui e seu amigo Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas a Maria Augusta. Na véspera da apresentação, ela dissera, por pilhéria, que com um deles haveria de casar-se*" (MAGALHÃES, 2013, p. 71).

Em entrevista concedida à Francisco de Assis Barbosa, Maria Augusta afirma que "*chamava-o de 'Ruim Barbosa', pois era rapaz que não gostava de bailes, de festas, de moças*" (BARBOSA, 1968, p. 29 e 30). Ainda na mesma entrevista, segundo Maria Adélia, o pai "*teria certamente recusado o convite para representar o Brasil em Haia, não fosse a insistência de minha mãe*" (BARBOSA, 1968, p. 33).

Como já é sabido, nenhum material escrito pela própria Maria Augusta foi encontrado até o momento, e o que conhecemos sobre ela é fruto de relatos de familiares e pessoas próximas. Com isso, as conclusões e questões que temos sobre ela são baseadas nos depoimentos de terceiros. As palavras de Maria Augusta fazem falta nesse contexto, mas, por meio desses relatos, já é possível perceber que ela possuía um diferencial.

Olga Obry, escritora da coluna *Silhueta Feminina do Jornal A Noite*, escreveu uma nota sobre Maria Augusta em sua publicação no jornal em 1951, ressaltando a pouca quantidade informações sobre Maria Augusta em uma recente biografia do período, escrita por Michel Simon. Obry também comentou, com o auxílio das pala-

bras de Simon, que Maria Augusta gostava de poesia e música, revelando, assim, interesses letrados, e encerra seu artigo dizendo que *“um dia alguém há de debruçar-se sobre os documentos ou guardados, para trazer à luz do dia a silhueta feminina, que continua envolta na sombra”* (OBRY, 1951, p. 4).

3. MARIA AUGUSTA E RUI BARBOSA

Rui Barbosa alimentava uma paixão visceral por essa mulher, escrevendo-lhe cartas apaixonadas, no período em que ainda eram noivos. É perceptível, principalmente em uma das cartas direcionada a Maria Augusta, durante o exílio de Rui Barbosa, a confiança que ele depositava em sua esposa, tanto para cuidar de sua família quanto para gerir minimamente os seus negócios. Além de contar, com clareza e detalhes, eventos de sua vida, mostrando assim o conhecimento de Maria Augusta sobre assuntos relacionados com as experiências políticas de seu marido e, principalmente, a autonomia dela nas decisões:

Olha, minha querida Cota: todos os planos, que acima tracei para nos reunirmos mais depressa, eu os deixo entregues à tua reflexão e aos conselhos de nossos amigos. Eles têm o espírito sereno, que me falta, e poderão deliberar melhor contigo. Eu me sujeito ao que resolverem. E, como não te moverás, sem me telegrafar, fico tranquilo de que não poderá ocorrer algum quiproquó, ou desencontro entre nós. (MAGALHÃES, 2013, p. 72).

As opiniões acerca de Maria Augusta são diversas e emitem versões diferentes. *“Para alguns, talvez, Maria Augusta não fosse a mulher ideal para um intelectual, mas ela tinha o senso da realidade e ajustou-se admiravelmente ao marido”* e ainda *“tremendamente agradável, esplêndida [...] não tinha quase cultura nenhuma [...] pouco acima da primária [...] recebia todo mundo sorrindo e agradavelmente. [...] Era uma pessoa jeitosa, sem ter grande elevação intelectual”* (MAGALHÃES, 2013, p. 73)⁴, porém, através das cartas à noiva⁵, escritas por Rui Barbosa para Maria Augusta, fica claro que ela respondeu às correspondências⁶ e que tinha um bom discernimento para a leitura das mesmas, já que Rui Barbosa direcionava pedidos específicos para a sua esposa⁷.

4 Depoimento de Américo Jacobina Lacombe em 21 de abril de 1976 para o projeto “Memória de Rui”, no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

5 As cartas estão disponíveis no site do Correio do Instituto Moreira Salles: <<http://www.correioims.com.br/perfil/maria-augusta-viana-bandeira/>>.

6 “Recebi as tuas duas últimas cartinhas, cuja data não menciono, porque escrevo-te do escritório, onde não as tenho presente. Ambas me encantaram, mas especialmente a segunda, em que respondes às minhas cartas relativas ao nosso próximo casamento” (BARBOSA, 1982, p. 221).

7 A carta intitulada “Não sei como ainda vivo!” contém uma gama de solicitações e arranjos, porém, apenas um trecho será destacado: “Verifica de Carlito se ele concluiu com o cunhado do Carlos os dois negócios meus, que são muito sérios: a questão da letra e a dos juros. Todos os meus papéis importantes estão nessa caixa. Carlito que liquide também com o Afonso a última prestação do empréstimo que contrái com esse amigo, para liquidarmos isso definitivamente” (BARBOSA, 1982, p. 245).

Os depoimentos realizados para o projeto *Memória de Rui*⁸ fornecem informações relevantes sobre Maria Augusta. Na entrevista com João Valentim Ruy Barbosa (Boy)⁹, neto dela e de Rui Barbosa, ele e sua esposa, Diana, afirmam que a matriarca da família Rui Barbosa falava inglês perfeitamente. Confirmando, assim, que ela recebeu algum tipo de educação formal, provavelmente acima da primária, contestando a afirmação de Américo Jacobina Lacombe, citada anteriormente do Livro de Rejane Magalhães (2013). João continua seu depoimento dizendo que seu avô confessava que Maria Augusta era modesta, mas que muitas decisões foram tomadas a conselho dela. Outro ponto interessante da entrevista com João Valentim está relacionado ao comportamento de Rui Barbosa, vinculado a Maria Augusta, em um dia de desentendimento com outros políticos no Congresso:

MA: 'O que é que há Rui, porque você está tão triste?'

RB: 'Porque, Cotinha, eu nem sei porque você se casou comigo. Eu sou pequenininho, não sou rapaz bonito, forte'.

MA: 'Ora, não diga isso eu me apaixonei por você logo que eu te vi',

RB: 'Você gosta mesmo de mim?'

MA: 'É claro que eu te adoro!'

RB: 'Então, vou te contar uma coisa: eu estava no congresso e estava defendendo uma causa, um assunto muito importante, e era sempre interpelado por um dos senadores e tinha que sair do assunto para responder. Levava tempo cada vez que eu saía do assunto porque já distraía a conversa. Levava 10, 15 minutos'.

MA: 'E você não respondeu a ele, não mostrou a ele?'

RB: 'Mostrei, mas você sabe de uma coisa, Cotinha, se eu fosse um rapaz alto, forte e bonito eu dava um soco na cada dele!'. (RUY BARBOSA, 1979)¹⁰.

O entrevistador pergunta quem contou essa história para o João, e ele afirma que foi a própria avó quem contou. Em outro depoimento, Irene Belfort Valadão Rui Barbosa, esposa de Rui Barbosa Neto, afirma que: *"com sua conversa sempre atualizada, era uma mulher de uma inteligência, que hoje em dia eu compreendo como ela pode ser companheira de um homem tão culto, porque ela também tinha uma inteligência*

8 O Projeto Memória de Rui foi iniciado em 1975 por iniciativa de Américo Jacobina Lacombe, e coletou informações sobre a memória de Rui Barbosa por meio de depoimentos e entrevista.

9 O depoimento está datilografado e está em posse do Museu Casa de Rui Barbosa. Entrevista realizada em 02 de abril de 1979.

10 O trecho foi alterado para facilitar a compreensão, foram adicionadas as iniciais de Maria Augusta (MA) e Rui Barbosa (RB), originalmente o mesmo é assim: 'O que é que há Rui, porque você está tão triste?', 'Porque, Cotinha, eu nem sei porque você se casou comigo. Eu sou pequenininho, não sou rapaz bonito, forte', 'Ora, não diga isso eu me apaixonei por você logo que eu te vi', 'Você gosta mesmo de mim?', 'É claro que eu te adoro!', 'Então, vou te contar uma coisa: eu estava no congresso e estava defendendo uma causa, um assunto muito importante, e era sempre interpelado por um dos senadores e tinha que sair do assunto para responder. Levava tempo cada vez que eu saía do assunto porque já distraía a conversa. Levava 10, 15 minutos', 'E você não respondeu a ele, não mostrou a ele?', 'Mostrei, mas você sabe de uma coisa, Cotinha, se eu fosse um rapaz alto, forte e bonito eu dava um soco na cada dele!'.

que transferia os conhecimentos dela pro neto”¹¹. Fica evidente que Maria Augusta possuía algum tipo de conhecimento, portanto, ainda é necessário desvelar muitos pontos de sua história pessoal, principalmente no que tange à sua educação e cultura.

Sobre os locais onde cada um sentava-se a mesa, Maria Luiza Vitória Ruy Barbosa Guerra (Baby), filha de Maria Augusta e Rui Barbosa¹², comenta que Rui Barbosa “sentava-se sempre à direita de mamãe”¹³. “Mamãe na cabeceira e ele à direita” (GUERRA, 1975) e continua afirmando que a posição era assim “pois ‘o lugar de honra era sempre pr’a ela’”. (GUERRA, 1975). Já Irmã Ana de Lourdes e Estela Batista Pereira¹⁴, netas de Maria Augusta e Rui Barbosa, comentam sobre o casal como uma unidade complementar:

Bom eu acho que a figura de vovô para o arquivo do vovô não seria completo se a gente não falasse do convívio com o casal, Maria Augusta e Rui, porque os dois formavam realmente uma unidade complementar. Vovô foi uma pessoa que deu ao vovô aquilo que ele necessitava, que era a paz de espírito. Vovô sempre foi um espírito atormentado, um espírito mais pessimista e num certo sentido desencantado das coisas políticas, do relacionamento humano, dos frutos do relacionamento humano. Mas vovó constituía então o lado humano que seria uma imagem muito vulgar, mas seria o lugar de repouso para a vovó... Vovó constituía o elemento de repouso de toda a vida dele de luta. Ele, quando chegava em casa, ele encontrava na pessoa de vovó a doçura, a compreensão e o descanso além de um grande amor e de uma grande admiração, porque vovó era uma pessoa belíssima. Um tipo de beleza mesmo... parecia uma rainha. E muito simples, muito acessível, muito tranquila e muito equilibrada. De modo que ela dava a vovô, que era um vulcão, ela dava aquele apaziguamento. [...] E nas festas então, a figura dela brilhava. (LOURDES; PEREIRA, 1985).

Maria Augusta estava presente e ao lado de Rui Barbosa em suas ações políticas. A Figura 1 é uma fotografia de 1919, próximo da campanha presidencial, em que mostra Rui Barbosa ao lado de Maria Augusta, sentados no centro da mesa de honra, em uma visita ao Clube Caixeiral. Os outros presentes são Othon Leonardos, Lemos Brito, Pedro Lago, Renata Lago, Miguel Calmon e Augusto Viana¹⁵. Maria Augusta é a única mulher presente nessa mesa.

Mesmo após o falecimento do marido, Maria Augusta tomava decisões fortes, como a doação da aliança de casamento para a campanha Ouro para o bem de São Paulo, ocorrida durante a Revolução Constitucionalista de 1932, e, quando

11 Entrevista com Alfredo Rui Barbosa, em 05 de agosto de 1976, complementada por Rui Barbosa Neto, em 23 de agosto de 1976, na Sala de Haia do Museu Casa de Rui Barbosa. Trecho copiado exatamente como falado, entre os 07:59 e 08:19 minutos do áudio em MP3, convertido do lado B da fita cassete. Obtido através do Arquivo Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa.

12 O depoimento está datilografado e está em posse do Museu Casa de Rui Barbosa. Entrevista realizada em 10 de abril de 1975.

13 Baby, por ser filha de Maria Augusta, refere-se a ela na entrevista como mamãe.

14 O depoimento está datilografado e está em posse do Museu Casa de Rui Barbosa. Entrevista realizada em 25 de junho de 1985.

15 Iconografia Fundação Casa de Rui Barbosa. Código da imagem: rb-rbic 828.jpg

questionada e criticada pela atitude, disse que, se seu marido estivesse vivo, concordaria (O Globo Online, 2008, p. 1).



Fig. 01: Maria Augusta e Rui Barbosa sentados ao centro da mesa (1919).
Fonte: Iconografia Fundação Casa de Rui Barbosa (2017).

Mesmo após o falecimento do marido, Maria Augusta tomava decisões fortes, como a doação da aliança de casamento para a campanha Ouro para o bem de São Paulo, ocorrida durante a Revolução Constitucionalista de 1932, e, quando questionada e criticada pela atitude, disse que, se seu marido estivesse vivo, concordaria (O Globo Online, 2008, p. 1).

Outra decisão que demonstra seu ímpeto relaciona-se com o próprio Museu Casa de Rui Barbosa, quando ela optou por vender a casa junto com a biblioteca para o Estado, sendo que a venda em separado geraria mais lucro para ela, afinal, já existia um comprador interessado apenas na biblioteca: “a iniciativa de D. Maria Augusta foi decisiva para torná-la um bem público. Ao decidir como inventariante fazer um catálogo de todo o acervo e só vendê-lo de forma integrada, deu o último e definitivo passo para a preservação permitindo seu uso com uma nova acepção de cidadania” (FERREIRA, 2008, p. 7).

Mesmo em luto até o fim de sua vida, Maria Augusta viveu e continuou divertindo-se. Em Poços de Caldas, provavelmente em uma viagem de férias, ela encaminhou algumas fotos para seu filho João com dedicatórias, que podem ser vistas, em ordem, nas Figuras 2 e 3:



Fig. 02: Fotografia de Maria Augusta Rui Barbosa (1927).

Fonte: Iconografia Fundação Casa de Rui Barbosa (2017). Dedicatória: "Poços de Caldas/28-4-927/querido João/Vê se conheces esta veranista que foi apanhada em flagrante num lindo jardim do hotel?/Beijos mil e o coração de sua mãe Maria Augusta".



Fig. 03: Fotografia de Maria Augusta Rui Barbosa (1927).

Fonte: Iconografia Fundação Casa de Rui Barbosa (2017). Dedicatória: "Poços de Caldas/28-4-927/ Meu João/O que achas desta figura risonha? Estou aqui fazendo uma alegre estação de águas e sentindo-me bem melhor do meu reumatismo. Penso sempre no filho ingrato com saudades! Afectuosos abraços de sua mãe M. Augusta".

Em um período onde as mulheres não podiam participar da vida política, Maria Augusta participou da vida social e política do marido (Casa de Rui Barbosa, 1940, p. 26). Maria Augusta não figurava em palanques e não empunhava microfones, mas estava lá. Maria Augusta Rui Barbosa foi parte decisiva na carreira de Rui Barbosa.

4. MARISA LETÍCIA LULA DA SILVA

Marisa Letícia Lula da Silva participou ativamente da criação do Partido dos Trabalhadores, no qual seu marido, Luiz Inácio Lula da Silva, construiu sua carreira política, alcançando a presidência do Brasil. Mesmo com uma participação importante, organizando a passeata de mulheres e filhos, próximo do período em que Lula foi preso pela ditadura e repressão militar (LEBLON, 2017, online), Marisa optou por cuidar de sua família e, no período em que Lula esteve à frente da presidência do Brasil, não realizou atividades que são, convencionalmente, responsabilidade da primeira-dama, como a participação em projetos sociais (LEBLON, 2017, online).

Assim como Maria Augusta, Marisa permaneceu no seio do lar. Não é possível afirmar que, no caso de Maria Augusta, essa permanência foi uma escolha, mas, no caso de Marisa, foi. As vidas de seus maridos foram turbulentas e, para manter a estabilidade familiar, a figura dessas mulheres fez-se mais do que necessária. Podemos citar como exemplo da importante atuação das mulheres no âmbito familiar, o período da ditadura, vivido por Marisa Letícia: “[...] tiveram muitas mulheres que pegaram em armas, mas também tinham muitas mulheres que eram mães, e que estavam cuidando dos seus filhos e que isso foi tão legítimo, tão revolucionário quanto a atuação nas armas” (MACHADO, 2016, p. 33). Sem as mulheres que permaneceram em casa, cuidando de seus filhos, zelando pelas suas vidas, como essas crianças sobreviveriam?



Fig. 04: Velório de Maria Augusta Rui Barbosa (1948).
Fonte: Diário da Noite – Disponível na Hemeroteca Digital (2017).



Fig. 05: Velório de Marisa Letícia Lula da Silva (2017).
Fonte: Agência EFE para o Portal Terra (2017).

Maria Augusta e Marisa Letícia foram acertadas em seus propósitos, sendo de imensa importância para o contexto e vivências em que elas estavam inseridas. É importante ressaltar que Maria Augusta faleceu depois de Rui Barbosa, e Marisa Letícia antes de Lula. Não é possível saber se esse fato interferiu de alguma forma nos velórios dessas mulheres. Ambas foram reverenciadas e encerraram sua trajetória em ambientes de grande importância: Maria Augusta foi velada no salão nobre do Museu Casa de Rui Barbosa, como pode ser visto na figura 4, com a presença de autoridades e pessoas de renome da sociedade carioca (Diário da Noite, 1948, p. 2). Já o velório de Marisa Letícia foi realizado no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo do Campo (BOCCHINI, 2017, online), e foi aberto ao público – todos que quisessem, poderiam despedir-se de Marisa Letícia, como notado na Figura 5. Dois locais que marcaram a vida dessas mulheres. Lugares onde elas constituíram suas histórias de vida e fizeram-se presentes.

5. DARCY VARGAS

Darcy Vargas foi esposa de Getúlio Vargas e nasceu em uma família de elite, assim como Maria Augusta Rui Barbosa. Foi uma moça de seu tempo, criada para o casamento e deixando os estudos com 15 anos, em 1911, para firmar matrimônio com Getúlio. *“Darcy reproduzia e reforçava, em sua trajetória, o modelo de feminilidade predominante no início do século XX, que transformava em ‘missão e destino da mulher na terra’ o casamento e a maternidade”* (SIMILI, 2006, p. 2).

Assim como Maria Augusta, Darcy foi ‘silenciosa’, não deixou registros e a grande parte das histórias sobre sua vida são baseadas em depoimentos, entrevistas e relatos de familiares e terceiros. Darcy acompanhou Getúlio em toda sua trajetória política e *“foi no desempenho das funções de esposa e mãe, que Darcy Vargas desenvolveu formas de atuação e de participação na política, inclusive, mediante a criação de obras sociais e assistenciais”* (SIMILI, 2006, p. 2).



Fig. 06: Darcy Vargas (s/d).
Fonte: Hospital Darcy Vargas (2017).

6. SARAH KUBITSCHEK



Fig. 07: Sarah Kubitschek (s/d).
Fonte: Memorial JK (2017).

Sarah Kubitschek conheceu Juscelino Kubitschek com 18 anos, iniciaram um namoro que foi interrompido pelos sonhos do médico, que realizou uma viagem pela Europa para especialização. A conselho da mãe, Sarah aguardou Juscelino. Sarah

também realizou trabalhos sociais e seu maior feito, que se estende até hoje, foi a criação, em 1960, de hospitais, conhecidos atualmente como Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação.

Assim como Maria Augusta, Sarah era determinada: lutou pela criação do Memorial JK, fundado em 1981. Em homenagem a sua memória, mulheres selecionadas que realizam trabalhos em benefício das mulheres recebem a medalha Sarah Kubitschek. Mesmo sendo um nome corriqueiro e uma mulher muito conhecida, sua história para além de Juscelino Kubitschek aparentemente é pouco abordada. Sabe-se que sua vida matrimonial, bem como a de Darcy, foi conturbada e que, mesmo assim, lutou pela memória de seu marido.

7. RUTH CARDOSO



Fig. 08: Ruth Cardoso (s/d).
Fonte: ARTESOL – Artesanato Solidário (2017).

Ruth Cardoso, diferente de todas as outras mulheres abordadas, dedicou grande parte de sua vida a uma brilhante carreira acadêmica. Em 1949, ingressou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, no curso de Ciências Sociais, em primeiro lugar. Em 1955, já casada com Fernando Henrique Cardoso, assumia uma cadeira na Universidade de Sorocaba e, em 1959, defendia o mestrado.

Ruth Cardoso possuía uma posição política clara no período que estava na universidade, sendo parte do grupo de discussão sobre o livro *O Capital*, de Karl Marx. Também foi perseguida e exilada no período da ditadura militar. Em 1972, defendia o doutorado e, em 1975, assumia uma cadeira na faculdade onde iniciou seu ciclo

acadêmico, na Universidade de São Paulo, no departamento de Ciência Política. Já em 1988, realiza pós-doutorado na Columbia University.

Outro ponto tocante na trajetória de Ruth Cardoso e completamente distinto das outras mulheres citadas, é sua posição como feminista, figurando inclusive na Frente de Mulheres Feministas de São Paulo. Ruth Cardoso deixou um verdadeiro legado acadêmico sobre questões de gênero e sociais, mesmo que a sua prática, com o passar dos anos, apresente-se diferente de seus objetivos iniciais, alinhando-se inclusive com posições que vão contra os seus preceitos iniciais¹⁶, principalmente pela sua entrada no mundo da filantropia.

Diferente de Darcy e Sarah, não foram criados hospitais em nome da memória de Ruth, e sim, o Centro Ruth Cardoso, criado um ano após sua morte, em 2009, e que tem como missão “*preservar a memória e a obra acadêmica e social de sua titular, assim como disseminar conhecimento nas áreas ligadas às políticas sociais e às ciências humanas*” (Centro Ruth Cardoso, 2017). Já a vida matrimonial de Ruth foi bastante conturbada, e, assim como Darcy Vargas e Sarah Kubitschek, ela foi traída pelo marido, diferindo de Maria Augusta e Marisa Letícia.

O percurso social e assistencial da primeira-dama traz as marcas das concepções e práticas que orientaram a atuação das mulheres na política dos anos 30 e 40. As questões sociais e assistenciais relacionadas ao feminino, à maternidade, à infância estiveram na agenda da atuação das mulheres em vários campos da política, criando uma história das mulheres na política social e assistencial. (SIMILI, 2006, p. 3).

Darcy Vargas, Sarah Kubitschek e Ruth Cardoso seguiram o percurso das primeiras-damas ligadas a filantropia e a políticas assistenciais. Como frutos, foram criados o Hospital Darcy Vargas e a Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação. Já Ruth, como já evidenciado anteriormente, seguiu uma proposta um pouco diferente com o Centro Ruth Cardoso. Marisa Letícia não criou nem integrou políticas assistenciais e filantrópicas, muito menos Maria Augusta, que não foi primeira-dama e, talvez por isso, ela não exerceu funções filantrópicas, mas, sua atuação política na vida de Rui Barbosa é clara e bastante comentada.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando em um recorte envolvendo mulheres relacionadas com política, mas

¹⁶ Segundo Karl Marx, em seu livro *The Poverty of Philosophy*, os filantropos querem manter as categorias que evidenciam a burguesia, e, de maneira nenhuma, procuram a igualdade. “The ‘philanthropic’ school is the humanitarian school carried to perfection. It denies the necessity of antagonism; it wants to turn all men into bourgeois; it wants to realize theory in so far as it is distinguished from practice and contains no antagonism. It goes without saying that, in theory, it is easy to make an abstraction of the contradictions that are met with at every moment in actual reality. This theory would therefore become idealized reality. The philanthropists, then, want to retain the categories which express bourgeois relations, without the antagonism which constitutes them and is inseparable from them. They think they are seriously fighting bourgeois practice, and they are more bourgeois than the others” (MARX, 1999, p. 56).

não de maneira direta, em especial quando essas mulheres ocupam cargos de primeira-dama¹⁷, a escolha por Marisa Letícia Lula da Silva, Darcy Vargas, Sarah Kubitschek e Ruth Cardoso, para comparação com Maria Augusta Rui Barbosa, era consideravelmente óbvia. Das quatro, Marisa e Ruth possuem um destaque maior, provavelmente por constituírem uma história política recente, ou talvez por não exercerem um papel comum a primeiras-damas.

Não podemos inviabilizar a participação dessas mulheres que, mesmo sem ocupar cargos políticos de fato, estiveram presentes em decisões. Sem Maria Augusta Rui Barbosa, a Fundação Casa de Rui Barbosa provavelmente não existiria, Rui Barbosa não teria se consagrado como foi e sua memória não seria exaltada até hoje. Maria Augusta Rui Barbosa tomou decisões, opinou e mostrou-se forte em um período onde as mulheres praticamente não tinham direitos. É sempre importante elevar a memória dessas mulheres que não ocuparam cargos nem estiveram à frente, mas foram essenciais em ações específicas, foram discretas, mas ali estiveram.

Sobre a vida de Maria Augusta, muito ainda precisa ser desvendado. A falta de entrevistas e escritos da própria Maria Augusta e a escassa quantidade de conteúdo produzido voltado para ela na Fundação Casa de Rui Barbosa, tornam a busca pela divulgação de sua memória ainda mais obscura. Porém, com o pouco que temos disponível, é possível afirmar que a história não favoreceu a real participação de Maria Augusta. Não apenas na vida pessoal de Rui Barbosa, mas também na política e em sua família.

Todas as mulheres citadas aqui exerceram papéis políticos em diferentes situações: Darcy Vargas e Sarah Kubitschek exerceram um papel mais clássico, direcionado às mulheres, relacionado ao assistencialismo e às políticas sociais. As mulheres têm total condição de exercer mais, nesse ponto, Ruth Cardoso apresenta um diferencial, mesmo que, com a passagem do tempo, ela corrobore com essa abordagem.

Já Marisa Letícia opta por não realizar ações desse tipo. E Maria Augusta, também por não ser primeira-dama, dialoga com seu marido e o auxilia em decisões. É importante salientar que essas mulheres são conhecidas pela atuação de seus maridos e, nesse sentido, faz-se necessário propor um esforço para enxergar essas mulheres como elas são: figuras fortes que, dentro de seus limites históricos e sociais, escreveram o seu nome na história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTESOL – Artesanato Solidário. Ruth Cardoso. Disponível em: <<http://artcsol.org.br/english/who-we-are/ruth-cardoso/>>. Acesso em 06 de jun. 2017

BARBOSA, Irene Belfort Valadão Rui. *Depoimento de Alfredo Rui Barbosa – 05/08/76*. Rio de Janeiro: 1976. 1 cassete sonoro (Lado A com 29:23 e Lado B com 10:45) convertidos para 1 CD-ROM: MP3.

BARBOSA, Rui. *Cartas à noiva*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

17 O recorte foi escolhido porque Rui Barbosa ocupou cargos políticos por longos períodos: foi deputado provincial da Bahia em 1878, deputado geral da Bahia entre 1878 e 1884 e senador da Bahia entre 1890 e 1922.

- BOCCHINI, Bruno. Velório de Marisa Letícia é encerrado com discurso de Lula e corpo é cremado. EBC (*Empresa Brasil de Comunicação S/A – EBC*) – Agência Brasil., São Bernardo do Campo, 04 fev. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-02/velorio-de-marisa-leticia-e-encerrado-com-discurso-de-lula>>. Acesso em: 12 mar. 2017.
- BRITO, Orlando. *Uma "pimentinha" chamada Sarah Kubitschek*. Disponível em: <<http://osdivergentes.com.br/orlando-brito/uma-pimentinha-chamada-sarah-kubitschek/>>. Acesso em 06 de jun. 2017
- Casa de Rui Barbosa. *D. Maria Augusta Rui Barbosa: dois depoimentos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/MEC, 1957.
- Casa de Rui Barbosa. *In memoriam: D. Maria Augusta Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1949.
- Centro Ruth Cardoso. Sobre Ruth Cardoso. Disponível em: <<http://www.centroruthcardoso.org.br/centro-ruth-cardoso/sobre-ruth-cardoso/decada-de-1930/>>. Acesso em 06 de jun. 2017
- Centro Ruth Cardoso. Sobre. Disponível em: <<http://www.centroruthcardoso.org.br/centro-ruth-cardoso/sobre/>>. Acesso em 06 de jun. 2017
- Diário da Noite*. Rio de Janeiro: Diário da Noite, 1929-1964. Diário.
- FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. *A biblioteca de Rui Barbosa: uma concepção de cidadania*. In: XIII Encontro de História Anpuh-Rio, Rio de Janeiro, 2008. Anais... Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2008. p. 1-8.
- GUERRA, Maria Luiza Vitória Ruy Barbosa. *Entrevista com Maria Luiza Vitória Ruy Barbosa Guerra (D. Baby), filha de Maria Augusta e Rui Barbosa para o projeto Memória de Rui: depoimento*. [10 de abril, 1975]. Rio de Janeiro: Museu Casa de Rui Barbosa. Entrevista concedida a funcionários do Museu Casa de Rui Barbosa.
- GONÇALVES, João Felipe Ferreira. *Vida, glória e morte de Rui Barbosa: a construção de um herói nacional*. 1999. 301 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1999.
- Iconografia Fundação Casa de Rui Barbosa*. Imagens rb-rbic 828.jpg, rb-rbic 580.jpg, rb-rbic 581.jpg. Disponível em: <<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br>>. Acesso em: 02 mar. 2017.
- LEBLON, Saul. Marisa e Lula. *Carta Maior*, São Paulo, 27 jan. 2017. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editorial/-Marisa-e-Lula-/37629>>. Acesso em: 20 fev. 2017.
- LOURDES, Ana de. PEREIRA, Estela Batista. *Entrevista com Irmã Ana de Lourdes e Estela Batista Pereira, netas de Maria Augusta e Rui Barbosa para o projeto Memória de Rui: depoimento*. [25 de junho, 1985]. Rio de Janeiro: Museu Casa de Rui Barbosa. Entrevista concedida a funcionários do Museu Casa de Rui Barbosa.
- MACEDO, Nathali. *Por que dona Ruth suportou tanta humilhação?*. Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/por-que-dona-ruth-suportou-tanta-humilhacao-por-nathali-macedo/>>. Acesso em 06 de jun. 2017
- MACHADO, Daniele. *Anna Bella Geiger e Niomar Moniz Sodré: as artes visuais e a ditadura militar*. Revista Desvio, Rio de Janeiro, volume 1, número 1, nov. 2016. Disponível em: <<https://revistadesvioblog.files.wordpress.com>>. Acesso em: 12 mar. 2017.
- MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013.
- MARX, Karl. *The Poverty of Philosophy*. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/marx/works/download/pdf/Poverty-Philosophy.pdf>>. Acesso em 06 de jun. 2017
- Memorial JK*. Disponível em: <<http://www.memorialjk.com.br>>. Acesso em 06 de jun. 2017
- O *Globo Online*. Quinze coisas que você não sabia sobre a Revolução de 1932. *Jornal Extra*, São Paulo, 08 jul. 2008. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/brasil/quinze-coisas-que-vo>>

ce-nao-sabia-sobre-revolucao-de-1932-539540.html>. Acesso em: 20 fev. 2017.

OBRY, Olga. *A Ancora de meu carater*. Jornal A Noite, Rio de Janeiro, p. 4, 17 set. 1951.

REIS, Cláudia Barbosa. *Memória de um jardim: estudo do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2011. 56p.

RUY BARBOSA, João Valentim. *Entrevista com João Valentim Rui Barbosa (Boy), neto de Maria Augusta e Rui Barbosa para o projeto Memória de Rui: depoimento*. [2 de abril, 1979]. Rio de Janeiro: Museu Casa de Rui Barbosa. Entrevista concedida a Claudia Barbosa Reis e Lúcia Cordeiro de Oliveira.

Senado Federal. Ruy Barbosa. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/2227>>. Acesso em 06 de jun. 2017

SIMILI, Ivana Guilherme. *A construção de uma personagem: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945)*. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 7ª edição, 2006, Santa Catarina. Anais Eletrônicos - ST42. História, gênero e trajetórias biográficas. Santa Catarina: Fazendo Gênero, 2006, p. 1-7.

Terra. Dilma, políticos e ex-ministros participam do velório. Fotografia da Agência EFE para o Portal Terra, São Bernardo do Campo, 04 fev. 2017. Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/brasil/dilma-governadores-e-ex-ministros-participam-do-velorio-de-dona-marisa-leticia,91846a22e03eb804980d1d2cbe405bcffn9kqgfg.html>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

VIANA FILHO, Luís. *A vida de Rui Barbosa*. 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio: Instituto Nacional do Livro, 1977.